

ESTUPOR, TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, (IN)DISCIPLINA:

Há quatro anos estive na Casa Guilherme de Almeida em São Paulo para o lançamento do livro *Antropologia da Comunicação Visual*,¹ com a presença do autor, Massimo Cavenacci, que se despedia de sua residência no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo – IEA-USP. Estava de malas prontas para residir e pesquisar na Bahia, pronto para encontrar-se com colegas e artistas de lá. Apresentou os diversos aspectos de sua pesquisa, ou melhor, das inúmeras maneiras de ver e relacionar imagem, palavra, cinema, publicidade, propaganda e fotografia. Cheio de invulgar entusiasmo elencava as relações intrínsecas das imagens e da forma como entendemos o mundo visível e audível, e suas repercussões na academia. E criticava muito acertadamente o universo particularizado por disciplinas no ensino universitário.

Fui buscar então suas palavras, na proposta de uma espécie de metodologia de pesquisa que escalasse as eternas fronteiras entre as disciplinas. E lá estavam elas, entre as páginas 109 e 110 do livro, na forma de uma sugestão para um percurso do pesquisador:

“**Etnografia reflexiva:** (...) o pesquisador precisa se colocar numa dimensão reflexiva (...). Sua emotividade e sua sensibilidade estão envolvidas no olhar. O pesquisador reflete sobre si mesmo na medida em que analisa o objeto-sujeito; precisa saber-se escutar e dialogar consigo mesmo. (...).

Estupor metodológico: o estupor como método precisa treinar a porosidade corporal em relação ao encontro com pessoas/culturas/obras desconhecidas e estranhas e

1 Cavenacci, Massimo: *Antropologia da Comunicação Visual: Explorações etnográficas por meio do fetichismo metodológico*, Editora Perspectiva, Série Debates, 2018, São Paulo.

que — justamente por isto — são desejadas. (...). As culturas visuais são sempre um misto mutante e polifônico de familiar/estrangeiro, sem exotizar a si mesmo ou aos outros. (...) Estupor é a abertura porosa da sensibilidade intelectual em direção à desdobramentos não procurados.

Composição polifônica: Walter Benjamin aplica a montagem na composição em ‘Paris, Capital do Século XIX’, texto fundamental para se entender as transformações que naquele século anunciavam o nascimento da comunicação tecnicamente reproduzível (fotografia, publicidade, cinema).

(...) O conceito de composição se transfere da sua origem musical em narrativa poético-política que mistura formas diferenciadas no processo da pesquisa por meio de escrituras (ensaios, etnopoética, contos), visual (foto, vídeo, *blog*), artes (música, *design*, *performance*).

Reflexão, estupor, constelação ou composição polifônica! Tão formidável proposta para conduzir as pesquisas, o currículo e a produção universitária. Eletrifiquei-me a ponto de esquecer-me de respirar e fixei o braço levantado como ponto de exclamação, na sessão de perguntas: “Professor, como então podemos vencer as disciplinas universitárias, que estancam as repercussões polifônicas e abatem o estupor?”

Ele, muito atento e concentrado, respondeu que estava pensando na resposta, pediu-me para esperar. E na sessão de autógrafos que se seguiu, escreveu no alto da página inicial: “Maria do Céu, imaginando e vivendo ‘*indisciplinas*’”.

Decidi trazer este autor e este encontro na forma de uma parte do editorial desta revista, pois entendo que os textos e imagens aqui elencados buscam o estupor e a constelação de possibilidades reflexivas.

Como no artigo do professor Ash Amin, onde o catedrático observou o recuo das esquerdas e o avanço da política de manifestos, constatando uma espécie de fechamento do teatro político como sempre foi conhecido. Cristina Parente escreveu sobre economias transformadoras e as abordagens progressistas em foco, onde discorre sobre o desgaste do capitalismo e o fortalecimento de economias colaborativas e sustentáveis, citando diversas experiências. François Hartog discorre sobre o tempo “temporalizado”, suas mensurações e a presença na cultura dos visionários, profetas e grandes marcos temporais (alguns, residindo na imaginação).

Jacques Theureau abre seu artigo com o olhar de Foucault sobre a pintura de Velásquez, *As Meninas* e discorre sobre a obsessão de Picasso sobre esta pintura, demons-

trada pelas inúmeras versões realizadas. E mergulha no mundo dos ateliês de composição musical e os conceitos de *idea* e criação. Jørgen Bruhn e Anne Gjelsvik escrevem sobre o cinema, uma invenção inicialmente para mostrar o mundo exterior para dentro da sala de projeção. Propõe uma leitura interdisciplinar do cinema, levando em consideração os estudos sobre o som, a música e a fotografia, destacando as relações das pinturas e suas transduções no cinema, como a *Moça com o brinco de pérola*, de Veemer e as pinturas de Bruegel trazidas para o mundo cinematográfico no filme de Lech Majewski, *O Moinho e a Cruz*. Ainda no universo das cidades e suas repercussões, Lupicínio Íñiguez-Rueda propõe uma reflexão sobre seu povoado de origem, as políticas sociais e o papel dos pesquisadores no desenvolvimento e análise das políticas públicas e seus reflexos na vida das comunidades, relacionando isto com as comunidades na cidade de São Paulo e a bacia hidrográfica da capital do estado.

Maria Giuseppina Muzzarelli em seu artigo analisa as questões econômicas e circulação da moeda e os sinais externos de enriquecimento na Idade Média, as recomendações da prudência como modo de comportamento, destacando as questões morais que cercavam a circulação de mercadorias. Versando ainda sobre as pessoas e grupos humanos, Mario Elkin Ramírez discorre sobre o conceito de adolescência, a força dos jovens diante dos ditames judiciais, dos enlances legais diante das atitudes de adolescentes que, segundo Rousseau, são portadores de “ardor”, de um espírito vivificante!

Paradoxalmente, Tim Ingold em seu texto propõe que projetos, investigações e outras formas de escrita e pensamento na academia sejam mutantes como desenhos em execução. Propõe a improvisação diante do ambiente em transformação do mundo, ressignificando a ideia de projeto e aceitando que todas as linhas de pensamento formam uma tapeçaria admirável e digna de contemplação, ainda que incompleta e, por isso mesmo, sublime.

Por fim, Yves Schwartz propõe uma reflexão sobre a transdisciplinaridade como um “sabor comum” que deve transcender os pesquisadores e professores acadêmicos e irradiar-se para as questões relativas ao currículo, às disciplinas e à vida.

Pelas “indisciplinas”, pelo estupor, pela constelação: eis nossa Revista.

Escrito no segundo verão da pandemia,

Fevereiro de 2022.

Maria do Céu Diel de Oliveira

STUPOR, SOCIAL TRANSFORMATIONS, (IN)DISCIPLINE:

Four years ago I was at Casa Guilherme de Almeida, in São Paulo, for the release of the book *Antropologia da Comunicação Visual* (Visual Communication Anthropology)¹, with the presence of the author, Massimo Cavenacci, who was leaving behind his residence at the Institute of Advanced Studies at Universidade de São Paulo - IEA-USP. His luggage was ready for him to move to Bahia and start research there, he was ready to meet colleagues and artists in that state. He presented the several aspects of his research, better yet, the many ways to see and relate images, words, movies, publicity, propaganda, and photographs. With a unique enthusiasm, he listed the intrinsic relationships that form between images and the way we understand the visible and auditory world, as well as its repercussions in academia. He also criticized, with reason, the compartmentalized universe of higher education disciplines.

I searched in his words, then, the proposal of a type of research methodology that could overcome the eternal frontiers between the disciplines. They were there, between the pages 109 and 110 of his book, as an itinerary suggested by the researcher:

“Reflective ethnography: (...) the researcher must put themselves in a reflective dimension (...). Their emotions and sensitiveness are involved in their perspective. The researcher reflects on themselves as much as they analyze the object-subject; they need to know how to listen to themselves and dialog with themselves(...).

Methodological stupor: the stupor as a method must train the porosity of the body in regard to meeting previously unknown and strange people/cultures/works that - for that very reason - are desirable (...). Visual culture is always a polyphonic and mutating mixture of familiar/stranger, without a perspective that sees the self or the others as exotic (...). Stupor is the porous openness of intellectual sensitivity towards unexpected developments.

1 Cavenacci, Massimo: *Antropologia da Comunicação Visual: Explorações etnográficas por meio do fetichismo metodológico*, Editora Perspectiva, Série Debates, 2018, São Paulo.
REV. UFMG, BELO HORIZONTE, V. 29, N. 1, P. 1-15, JAN./ABR. 2022

Polyphonic composition: Walter Benjamin applies a montage to compose “Paris, Capital of the 19th century”, an essential text to understand the transformations that, in that century, announced the growth of technically reproducible communication (photographs, publicity, cinema).

(...) The concept of composition is transferred from its musical origins into a poetic-political narrative that mixes different forms in the process of research through writing (essays, ethno-poetics, stories), visuals (photographs, videos, blogs), arts (music, design, performance).”

Reflection, stupor, constellation, or polyphonic composition! Such a fantastic proposal to conduct university researches, syllabuses, and production. I was electrified to the point of forgetting to breathe and my arm was raised upwards as an exclamation mark as his presentation opened for questions: “Professor, how can we, then, overcome university disciplines, that immobilize polyphonic repercussions and destroy the stupor?”

He, attentive and focused, said he was thinking about the answer, and asked me to wait. In the autograph session which followed, he wrote on the top of the first page: “Maria do Céu, imagining and experiencing the ‘indiscipline’”

I decided to recall this author and this meeting as a part of the editorial of this journal because I believe that the texts and images listed here seek the stupor, the constellation of possible reflective possibilities.

This is true in Professor Ash Amin’s article, where he observed that the lefts were recoiling and manifestation politics were advancing, with a type of end of the political theater as it has always been known. Cristina Parente wrote about transformational economy and current progressive approaches, discussing the decay of capitalism, and the strengthening of collaborative and sustainable experiences, mentioning several of them. François Hartog discusses “temporalized” time, its mensurations, and presence in the culture of the visionary, the prophetic, and great temporal milestones (some of which exist only in imagination).

Jacques Theureau starts his article showing the look Foucault directed to Las Meninas, the painting by Velázquez, discussing the obsession Picasso had for this painting, demonstrated by the several versions of it that were carried out. Then, he dives deep into the world of musical composition ateliers, and into the concepts of idea and creation. Jørgen Bruhn and Anne Gjelsvik write about the cinema, an invention created

at first to show the external world to the interior of the projection room. They propose an interdisciplinary look at the cinema, considering studies about sound, music, and photograph, highlighting the relationship between paintings and their translations into cinema, such as *Girl with a Pearl Earring*, by Vermeer, and Bruegel’s paintings, brought into the cinema by Lech Majewski’s film, *The Mill and the Cross*. Still in the universe of cities and their repercussions, Lupicínio Íñiguez-Rueda proposes a reflection about his original village, the social politics and the role of researchers in developing and analyzing public policies and their reflexes on the lives of communities, associating this with the communities in the city of São Paulo and the river basin of the capital of the state.

Maria Giuseppina Muzzarelli, in her article, analyzes economic questions, the circulation of currency, and external signs of enrichment in the Middle Ages, as well as recommendations of prudence as a type of behavior, highlighting the moral questions that surrounded the circulation of goods. Still regarding people and human groups, Mario Elkin Ramírez discusses the concept of adolescence, the strength of young people when confronted with judicial law, the legal mandates regarding the attitudes of adolescents that, according with Rousseau, have “ardor”, a vivifying spirit!

Paradoxically, Tim Ingold in his text proposes that projects, investigations and other forms of academic writing and thinking shall be mutants like drawings in execution. He proposes improvisation in the face of the changing environment of the world, resignifying the idea of project and accepting that all lines of thought form an admirable tapestry worthy of contemplation, even if incomplete and, for that very reason, sublime.

Finally, Yves Schwartz proposes a reflection about transdisciplinarity as a “common flavor” that should transcend academic researchers and professors and spread to questions regarding syllabuses, disciplines, and life.

Through “indiscipline”, through stupor, through constellation: this is our Journal. Written in the second summer of the pandemic.

February, 2022.

Maria do Céu Diel de Oliveira